



XIII Simpósio Integrado de Pesquisa FURB/UNIVILLE/UNIVALI

27 de agosto de 2015, Blumenau - SC

## Uma experiência etnográfica: o que se revela enquanto observa?

**Janáina Guiguer da Silva**

janainaguiguer@hotmail.com

Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE

**Raquel ALS Venera**

raquelsenavenera@gmail.com

Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE

### Eixo temático: Currículo

**Resumo:** Este artigo é o recorte de uma pesquisa em andamento sobre o currículo inovador do Ensino Médio, e tem como objetivo flagrar processos de subjetivação em ato de práticas do currículo de esporte e cultura do Programa Ensino Médio Inovador. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, de abordagem etnográfica, em que as observações foram registradas em um Diário de Campo. O *locus* da pesquisa é a EEB “Professora Jandira D’Ávila”, no município de Joinville (SC) e os sujeitos observados são alunos do 2º ano do EMI durante as oficinas de esporte e cultura. A interpretação dos registros está balizada pelas discussões de currículo discutido na perspectiva dos Estudos Culturais, tendo como principais aportes teóricos, os seguintes autores: Silva (2013), Escosteguy (2006) e Klinger (2012).

**Palavras-chave:** Política de Currículo. Subjetividades. Ensino Médio Inovador.

### 1. Introdução

Compreendendo que o Ensino Médio no Brasil vem sendo ressignificado, assim como sua relevância política na etapa final da Educação Básica, não é mais novidade o discurso político de urgência pela flexibilização do currículo, no momento em que o jovem é entendido como “protagonista” e por isso participante nessa política pública juvenil.

Na intencionalidade não só do acesso, mas da permanência do jovem no Ensino Médio, o Ministério da Educação apresentou, em 2009, o programa Ensino Médio Inovador, instituído pela portaria n. 971 de 09 de outubro de 2009, em regime de cooperação com os sistemas estaduais de ensino, sob responsabilidade da Secretaria de Educação Básica – SEB/MEC em 17 estados brasileiros, além do Distrito Federal.





### XIII Simpósio Integrado de Pesquisa FURB/UNIVILLE/UNIVALI

27 de agosto de 2015, Blumenau - SC

Nesta primeira fase de implementação do Programa Ensino Médio Inovador, 357 escolas foram selecionadas em todo o país, em Santa Catarina foram 18 unidades escolares, sendo duas em Joinville. O Documento Orientador do ProEMI-2009 (Brasil, MEC/SEB, 2009), que conduziu o início da implantação da política, não definiu critérios para a indicação das escolas, assim a escolha da EEB “Professora Jandira D’Ávila” em Joinville, Santa Catarina se deu pelo perfil de gestão democrática, quadro completo de professores graduados - pós graduados e compromisso com o aprendizado , segundo o gestor da escola.

Em 2010, ano que iniciou o Programa Ensino Médio Inovador, 19,8% dos jovens entre 15 e 17 anos não frequentavam a escola em Santa Catarina, como apontam os dados do site do UNICEF, apesar do estado ser o segundo no ranking nacional de aprovação de crianças até 16 anos no ensino fundamental, a maior parte desse grupo não chega ao ensino médio. Ciente dessa realidade o Programa implica em adotar diferentes formas de organização curricular, a fim de que o jovem tenha qualidade na educação e supere as desigualdades de oportunidades.

O currículo proposto pelo programa Ensino Médio Inovador, além de ampliar a carga horária do currículo, contempla atividades integradoras de iniciação científica como também no campo artístico-cultural; valoriza a leitura em todos os campos do saber; vincula o trabalho intelectual com atividades práticas experimentais; utiliza de novas tecnologias de comunicação; reconhece a importância do estudo e das atividades socioambientais; desenvolve práticas desportivas e de expressão corporal, referidas à saúde, à sociabilidade e à cooperação com o intuito de um processo de ensino aprendizagem diferenciado.

A EEB “Professora Jandira D’Ávila” propõe uma organização curricular que contempla oficinas culturais e esportivas. Como opção de Esporte a escola oferece basquete, vôlei e capoeira e as oficinas de Cultura são teatro, dança e violão.





Cada turma de Esporte e Cultura é composta de, no mínimo, 15 (quinze) alunos e, no máximo 30 (trinta) alunos, de acordo com a natureza da atividade. O aluno no início do ano letivo deve optar por (02) duas atividades de Cultura e Esporte, sendo obrigatoriamente 01(uma) atividade de Cultura e 01 (uma) atividade de esporte. Segundo orientações da Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina, as aulas deverão ser realizadas simultaneamente, levando-se em consideração o espaço físico, o interesse dos alunos e a demanda de profissionais.

Considerando a complexidade da política de currículo proposta, o problema da pesquisa de dissertação pela qual esse artigo sintetiza, consiste em analisar em que medida os jovens se subjetivam a partir das atividades oferecidas pelas oficinas de Esporte e Cultura. Ou seja, se o ProEMI objetiva a permanência dos jovens na escola, com qualidade e protagonismo, como os jovens experimentam esse currículo, como produzem subjetividades juvenis a partir dele? E para tanto, a etnografia foi a opção metodológica escolhida.

Portanto, no presente artigo delinheiro o percurso metodológico da investigação, discuto o currículo na perspectiva dos Estudos Culturais dialogando com o que registrei durante as observações realizadas e finalizo trazendo considerações provisórias acerca das subjetividades reveladas pelos jovens.

## **2. Uma reflexão acerca da Metodologia**

Em uma abordagem de inspiração etnográfica, pude configurar uma experiência escolar diária. Segundo Marli André (1995), no Brasil a abordagem etnográfica torna-se evidente ao final dos anos 70, mas é na década de 1980 que este tipo de pesquisa ganha popularidade entre os educadores.

Observar os jovens da EEB “Professora Jandira D’Ávila” foi um grande desafio, pois trabalhando como professora na escola, já conhecia o trabalho dos professores de Esporte e Cultura e também os alunos. Por isso, recusei-me a ficar apenas no lugar de observação do outro, mas antes, assumi



### XIII Simpósio Integrado de Pesquisa FURB/UNIVILLE/UNIVALI

27 de agosto de 2015, Blumenau - SC

o lugar de interpretação. Mas não uma interpretação objetiva, ou em outro extremo, uma interpretação subjetiva, mas, em consonância a Diana Klinger (2012) quando ela aponta que a etnografia passou por autocrítica no século XX permitindo ao pesquisador “oferecer uma interpretação sobre o outro que não o mostre a si próprio como uma construção subjetiva” (KLINGER, 2012, p. 74).

No decorrer das observações não só os sujeitos foram registrados, mas de alguma maneira um novo eu foi se construindo e se revelando. “[...] não era uma trivial coleta de dados, mas o etnógrafo também resulta modificado por ela, de maneira que cada versão do outro é também uma construção do eu” (KLINGER, 2012, p.72). No processo metodológico que utilizei para registrar as observações construí um Diário de Campo, ou diário de bordo com o intuito de capturar os diálogos, as ações e participação dos jovens em situações proporcionadas pelas aulas.

No texto *A escrita de si*, de Klinger (2012), a autora aponta que

[...] para a antropologia pós-moderna, o que mais interessa, a respeito do Diário, não é que ele revela alguma verdade que os trabalhos etnográficos publicados ocultavam, mas a constatação, por um lado, de que a experiência etnográfica não só constrói o objeto, mas também o sujeito da etnografia, que se vê por ela modificado no confronto com o outro. (KLINGER, 2012, p.73)

Klinger (2012) traz o “retorno do autor” como consequência do esgotamento do estruturalismo ou “virada pós-estruturalista” que nesse caso, não se trata do “mundo dos outros”, mas do mundo “entre nós e os outros”. Os registros das observações estão em andamento possibilitando pensar que aquilo que os jovens mostram como seu “eu”, ou as construções de “identidades de sujeitos” que acontecem nas escolas, ou ainda o que estamos chamando de “subjetividades”, são atravessadas pelos discursos imbricados no processo de formação escolar, no caso específico dessa pesquisa, no currículo do Ensino Médio.

Na perspectiva de Tomaz Tadeu da Silva (2013), “o conhecimento que constitui o currículo está centralmente envolvido naquilo que somos, naquilo





### XIII Simpósio Integrado de Pesquisa FURB/UNIVILLE/UNIVALI

27 de agosto de 2015, Blumenau - SC

que nos tornamos: na nossa identidade, na nossa subjetividade” (SILVA, 2013, p.15).

Que papéis desempenham nossos currículos? O que eu quero revelar de mim, através do outro? Essas questões mobilizaram a pesquisa, já citada, em torno do que quero significar na investigação etnográfica nas aulas de basquete (esporte) e teatro (cultura) e concordam com as palavras de Klinger (2012) quando diz sobre a pesquisa etnográfica “um retorno a si próprio pela mediação do outro”.

Na ótica dos Estudos Culturais, escolha epistemológica adotada para apresentar-se aqui como análise do currículo em torno da significação e da identidade, nos explica Silva (2013, p.136):

Ao ver todo conhecimento como um objeto cultural, uma concepção de currículo inspirada nos Estudos Culturais equipararia de certa forma, o conhecimento propriamente escolar com, por exemplo, o conhecimento explícita ou implicitamente transmitido através de anúncio publicitário. Do ponto de vista dos Estudos Culturais, ambos expressam significados social e culturalmente construídos, ambos buscam influenciar e modificar as pessoas, estão ambos envolvidos em relações de poder. Em outras palavras, ambos os tipos de conhecimento estão envolvidos numa economia do afeto que busca produzir certo tipo de subjetividade e identidade social.

Ana Carolina Escosteguy (2006, p.141) entende que a proposta dos Estudos Culturais é mais política do que analítica. Para a autora, os estudos culturais não são uma disciplina, mas uma área de variadas disciplinas interagindo, com o objetivo de estudar aspectos culturais da sociedade contemporânea, dessa forma ele converge para as identidades individuais e coletivas e seu objeto de análise se constitui da subjetividade produzida.

Revelando uma grande importância nos processos de subjetivação, que se plasmam e se efetivam no campo social, os Estudos Culturais rompem com a lógica binária que concebe a cultura erudita para a burguesia e a cultura popular para as massas. Segundo Silva (2013, p.133)

Os Estudos Culturais concebem a cultura como campo de luta em torno da significação social. A cultura é um campo de produção de





XIII Simpósio Integrado de Pesquisa FURB/UNIVILLE/UNIVALI

27 de agosto de 2015, Blumenau - SC

significados no qual diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla. [...] A cultura é um jogo de poder.

### 3. Considerações provisórias

As sensações vividas nesse primeiro momento da pesquisa realizada *in lócus*, com os alunos da EEB “Professora Jandira D’Ávila”, nas oficinas de esporte e cultura foram *a priori* a desconstrução de um olhar.

Ver, ouvir e sentir o modo de relação que os jovens mantêm com o outro (adulto, professor) e entre eles mesmos, me fez ressignificar o conceito de escola e também permitiu conhecer as diferentes nuances de um currículo proposto como inovador. Após partilhar experiências com os jovens em suas atividades, renunciei a procura de um sentido para a palavra “juventude”. Não procurei mais saber “o que é” esse jovem, mas como ele se mostra dentro dos papéis que desempenham nossos currículos.

Mas, sobretudo, questioneei o arranjo de busca a que me envolvi e me vi durante o “set” etnográfico. Ao buscar a subjetividade que os jovens constroem no interior do currículo o jogo de espelho desfez. O que vem a ser o “protagonismo” juvenil? Até que ponto tenho coragem de renunciar a centralidade adulta na relação com esses jovens? Qual é a intensidade do protagonismo que um currículo permite? E ao observar esses jovens o espelho projetou a professora em formação que se pergunta, se olha a partir deles.

### REFERÊNCIAS

André, M. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papyrus, 1995.

Klinger, Diana. **Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autore a virada etnográfica**. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2012.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos Culturais: Uma Introdução. In SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais**, Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.





**XIII Simpósio Integrado de Pesquisa FURB/UNIVILLE/UNIVALI**

**27 de agosto de 2015, Blumenau - SC**

